

LA CASA DE PAPEL

PAULO SIQUEIRA

Presidente Fenabreve/Sincodiv-RS



Na série *La Casa de Papel*, um ataque à Casa da Moeda, em Madrid, expôs a virtual relação entre moeda e riqueza, evidenciando a fragilidade da crença de que um papel impresso vale o que nele está escrito.

Isso nos remete a 1971, quando Nixon, ao decretar o fim do padrão dólar-ouro, liberou a emissão de dólares sem lastro em ouro, dando aos EUA meios para cobrir os déficits da Guerra Fria, corrida espacial e Vietnã, além de vantagens estratégicas para ampliar sua hegemonia na economia mundial, estabelecendo um sistema monetário que estimulou a União Europeia para, juntos, criarem uma ordem mundial controlada por EUA-UE, ancorada em um estoque ilimitado de euros e dólares.

Razão para a China pressionar cada vez mais pela quebra do duopólio dólar-euro, e exigir para o yuan maior peso como mo-

eda nas transações financeiras internacionais. Uma demanda que ecoa em outros países, como reação à política da aliança EUA-UE que inunda mercados financeiros de recursos, gerando desequilíbrios de oferta e pressões inflacionárias nos mercados de commodities.

A exigência russa de compras de gás e petróleo serem pagas em rublos é um teste de viabilidade para uma nova ordem econômica mundial

Nesse contexto, o conflito na Ucrânia bem espelha essa guerra monetária: EUA-UE disparam o seu arsenal money-nuclear de sanções contra a Rússia,

produzindo danos econômicos colaterais que motivam países emergentes, sob liderança chinesa e salvaguarda russa, a escalar pressões. Assim, a exigência russa de compras de gás e petróleo serem pagas em rublos é um teste de viabilidade para uma nova ordem econômica mundial.

Na ficção, em *La Casa de Papel*, o grande roubo foi secundário diante da ameaça de ruptura do sistema monetário internacional, levando os protagonistas a focarem-se no esforço para construir uma saída capaz de conciliar objetivos e criar soluções comuns aos interesses de todos.

Um norte pelo qual deveriam se guiar as lideranças mundiais, frente à espiral de perdas humanitárias, danos materiais e sequelas diplomáticas, além dos graves desdobramentos potencializados pelo prolongamento da guerra.